

Centros de acantonamento serão encerrados até 15 de Agosto próximo

— garante Chefe do Estado de visita à província do Maputo

por Salomão Mulambo (texto) e Amadeu Marrengula (foto)

O Presidente da República, Joaquim Chissano, manifestou ontem, no distrito da Moamba, em Maputo, a certeza de que o Governo vai encerrar até ao dia 15 de Agosto próximo — data estabelecida no calendário do processo de paz — as áreas de reunião e acomodação das suas tropas e que até lá alguns militares terão sido desmobillizados e outros encaminhados para as novas Forças Armadas de Defesa de Moçambique. O estadista moçambicano anunciou este posicionamento durante a deslocação que efectuou ao centro de acantonamento da Moamba, no seguimento da visita de trabalho que desde a passada segunda-feira vem efectuando a esta província.

Numa breve conversa com os soldados governamentais acantonados no centro da Moamba, o Chefe do Estado moçambicano disse que quer o Governo, quer o Partido Frelimo, continuarão com os olhos postos sobre desmobillizados tendo em conta as tarefas de reconstrução nacional.

"Aproveitamos esta ocasião para nos despedirmos de todos os soldados das Forças Armadas de Moçambique e desejar-lhes sucessos na nova vida que cada um vai começar", disse Chissano acrescentando que a disciplina e o bom comportamento demonstrados pelas tropas governamentais nos diferentes centros de acantonamento honram não só o Executivo mas também todo o país.

Um informe apresentado na ocasião ao Chefe do Estado, indica que, aberto em Dezembro de 1993, o centro de acantonamento da Moamba já acolheu um total de 726 soldados. Destes, 390 passaram à vida civil, 107 foram encaminhados para as FADM, encontrando-se ainda no local outros 229. Registrou-se um óbito por doença.

O comandante do centro, Capitão José Cardoso, informou ainda que foram ali recolhidas 690 armas ligeiras do tipo "AKM", oito pesadas, 690 carregadores e 17 259 munições. Estes números foram

posteriormente confirmados pela ONUMOZ. Todos os materiais foram recolhidos para os armazéns regionais desta organização supranacional.

Os soldados acantonados não apresentaram queixas quanto à alimentação. Porém, queixaram-se da falta de transporte para o carregamento da lenha e de uma ambulância para casos de emergência. Aproveitaram a oportunidade para propor ao Presidente da República a afectação de duas viaturas para o exercício daquelas actividades.

Durante esta visita ao distrito da Moamba, o estadista moçambicano procedeu à inauguração do centro de saúde do posto administrativo de Ressano Garcia — uma obra construída pela organização "Médicos Sem Fronteiras" da Espanha como financiamento da Comunidade Económica Europeia e do UNICEF. Esta obra, segundo Álvaro Melo, da MSF, foi calculada em cerca de 250 mil dólares e vai servir uma população estimada em 13 488 habitantes. Factores adversos ditaram o atraso do empreendimento.

Na vila-sede do distrito, o estadista moçambicano procedeu à inauguração do hospital local — destruída pela guerra — e a Escola de Artes e Ofícios — um estabelecimento transformado pouco

depois da independência em colégio militar. Tal como o hospital, a escola foi igualmente vítima da destruição durante o conflito armado. Agora a escola é gerida pela Igreja Católica através da Congregação Salesiana. A sua capacidade é de cerca de 170 crianças.

VAMOS PERDOAR MAS NÃO VAMOS ESQUECER

Esta foi a tónica dos dois encontros populares que o Presidente da República orientou sendo um no posto administrativo de Ressano Garcia e outro na vila-sede do distrito da Moamba, ambos presenciados por cerca de três mil pessoas.

Dirigindo-se à população, o estadista moçambicano falou das atrocidades cometidas pela Renamo durante a guerra, desde a destruição de enormes infra-estruturas sociais até aos assassinatos de pessoas civis, afirmando que hoje os promotores dessa guerra autoproclamam-se fundadores da democracia e da liberdade.

"Diziam que estavam a lutar contra o Governo marxista-leninista da Frelimo destruindo hospitais, escolas e outros estabelecimentos. Talvez nós não tivéssemos compreendido que a Frelimo marxista-leninista eram as escolas e os hospitais que eles destruíam", comentou Chissano, alertando à população para que se acatele, pois no período que se segue haverá muitas "aldrabiças" de pessoas que dirão que "o povo vai comer se trabalhar e que eles vão dar tudo de boria. Cuidado!".

"O nosso programa, o programa da Frelimo é de trabalhar. Ir à machamba produzir para o sustento de cada um", afirmou.

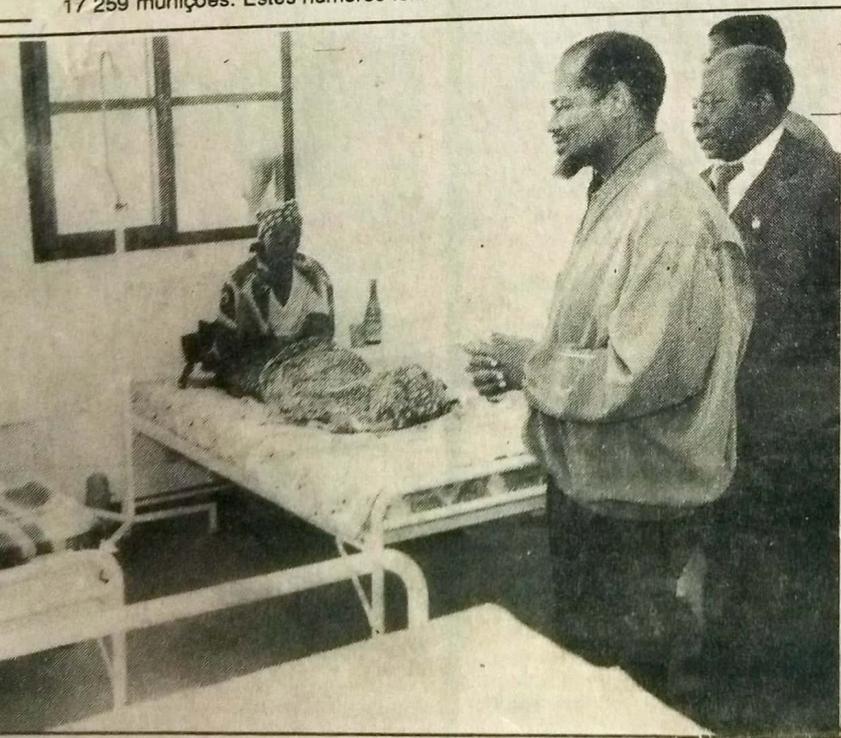
O Presidente da República referiu-se à corrida a Ponta Vermelha afirmando que existem para tal muitos candidatos, indicando os nomes de Dhlakama, Arouca, Jeque, Padimbe, Máximo Dias, Serrano, Yacubo e outros. Disse existirem também muitos partidos mas escusou-se indicar os nomes, porque "falando deles, eles não me pagam nada".

Joaquim Chissano explicou que o símbolo do seu partido é a maçaroca e um tambor e que o símbolo da Renamo é uma perdiz, manifestando-se céptico sobre a possibilidade de se vir a domesticar esta ave.

Nos dois encontros o Chefe do Estado apelou à população com idade eleitoral activa para que ocorra em massa aos centros de recenseamento, de forma a ganhar o direito de participar nos dias 27 e 28 de Outubro próximo na escolha livre dos seus dirigentes.

Aparentemente, a população disse "sim" a Chissano, que muito vivamente entoou canções exaltando o partido no poder. O Chefe do Estado não se conteve à reacção popular acabando ele próprio por dar vivas à Frelimo.

Hoje o Chefe do Estado desloca-se aos distritos de Magude e Manhica, onde vai orientar encontros com a população e visitar algumas infra-estruturas económicas e sociais.



do Centro de Saúde da vila da Moamba, recentemente reabilitado